

CAPÍTULO X

Sobre o prazer e a dor de ser: efeitos patéticos no discurso epidítico¹

Há, em qualquer ato retórico, uma hierarquização do dizer que corresponde objetivamente aos valores, crenças e opiniões do auditório. O *ethos*² de um orador, então, adquire menor ou maior impacto persuasivo em função do lugar oratório que ocupa no instante em que se pronuncia publicamente. Quando, por exemplo, um Presidente da República, em meio a uma pandemia desesperadora, ceifadora de milhares de vidas no país, diz, em rede nacional, que não é “coveiro”³, fala de um lugar institucionalizado e provoca um impacto no auditório diretamente proporcional ao poder que o orador adquiriu. A frase infeliz, vinda de onde veio, amplia a tensividade retórica, aciona a atenção do auditório que reage emocionalmente: a consciência é invadida pelo espanto que advém da *doxa*, o conjunto de juízos que uma sociedade aceita em um determinado momento histórico e que se infiltra fortemente nos escaninhos da comunicação social.

A frase do Presidente (“Não sou coveiro, tá?”), fruto de uma consciência apodítica, atingiu o que há de sensível no auditório, que, por meio de um conteúdo representacional do ser e do estar no mundo, antes de julgar a verdade (um presidente normalmente não é mesmo um coveiro), sentiu-se invadido por emoções instintivas que afetam a corporeidade. O impacto retórico foi imediato: indignação, temor, vergonha, pesar, ira, piedade, cólera, compaixão, enfim, na dependência da subjetividade de cada membro do auditório, o poder da frase provocou realidades anímicas ligadas à dor ou ao prazer.

-
- 1 Este capítulo foi originalmente publicado: FERREIRA, Luiz Antonio. Sobre o prazer e a dor de ser: efeitos patéticos no discurso epidítico. In: **Inteligência retórica: *pathos***. São Paulo: Blucher, 2020, p. 103-119.
 - 2 Optamos pela grafia e acentuação dos termos gregos utilizados dentro da Língua Portuguesa. Mantivemos o itálico e eliminamos todos os diacríticos de acentuação, uma vez que a acentuação do grego não obedece aos mesmos critérios da Língua Portuguesa; excetuamos os nomes próprios. (Nota das revisoras)
 - 3 Jair Bolsonaro. Declaração feita a jornalistas e apoiadores, em 24/04/2020, na Portaria do Palácio da Alvorada, sobre mortes de pessoas infectadas pelo COVID-19. Disponível em: <<https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,nao-sou-coveiro-ta-diz-bolsonaro-ao-responder-sobre-mortos-por-coronavirus,70003277588>>. Acesso em 26 de abril de 2020.

Entre os juízos de realidade e os juízos de valor se impôs a apreciação dolorida de um auditório estupefato. Se o objetivo do orador era chocar, o ato retórico revelou-se de sucesso, porque o auditório, que era mero espectador naquele instante, sentiu-se fortemente afetado pelo dizer do outro. Mais: a frase atingiu, para além do corpo de cada um, a alma coletiva e nos fez entender que a afetividade humana é mesmo a matéria prima das relações interacionais. Reação emotiva, no caso, é efeito do discurso. As paixões, para Aristóteles (*Retórica*, II, 1378a, 1998), são faculdades emocionais em seres humanos, que, acompanhados de prazer ou dor, podem gerar susceptibilidades e, em algum momento, mudar os julgamentos, gerar impressões. As paixões forjam estados de espírito e são contextuais.

Esse ato retórico, tão curto e contundente, resumido num entimema, desvelou o campo de interesses do orador, agitou o dinamismo das relações sociais e se afastou amplamente do estabelecimento de fins comuns, justamente quando toda uma nação se encontrava comovida e solidária. Se considerarmos “não sou coveiro” como um discurso pertencente ao gênero epidítico⁴, aquele que louva ou censura algo ou alguém com o objetivo de mostrar as virtudes ou os defeitos do ser referido, sem a solenidade que sempre revestiu essa maneira de se aproximar de um auditório, veremos que, ao depreciar a praga monumental e inofismável que atingia o mundo todo, o orador aviltou também a dor de tantos e tantos brasileiros que perderam seus parentes e amigos pela força destruidora de um vírus invisível e resistente⁵. Como não há inatismo absoluto, mesmo o gênero epidítico, para além do “gosto/não gosto” dos espectadores (reação normalmente esperada na tradição do gênero epidítico), pode instigar divergências, impulsionar polêmicas e revolucionar os valores fundantes do homem, ligados ao bem e ao justo, ao solidário e ao ético. O povo brasileiro, por certo, naquele instante de respostas apressadas, diante de um auditório composto por jornalistas, considerados como “inimigos” pelo orador, não esperava um panegírico⁶ solene e articulado rigorosamente ou um discurso clássico de exaltação feito publicamente em louvor de tantos e tantos brasileiros mortos por um avassalador mal inesperado. Aguardava, porém, que o orador-governante ressaltasse seu *ethos* por meio da *phronesis*⁷, a prudência, qualidade ligada à previsão, à virtude da boa deliberação, da capacidade para agir com a máxima correção em busca dos fins almeçados e, assim, detectar os perigos e evitar os erros.

.....
4 Para os que elogiam ou censuram, o fim é o belo e o feio (ARISTÓTELES, *Retórica*, III, 1358b, 1998).

5 COVID-19, que assolou o mundo em 2020.

6 Panegírico: discurso de louvor; elogio. Adj. Que louva, elogioso, laudatório (BECHARA, 2009, p.663).

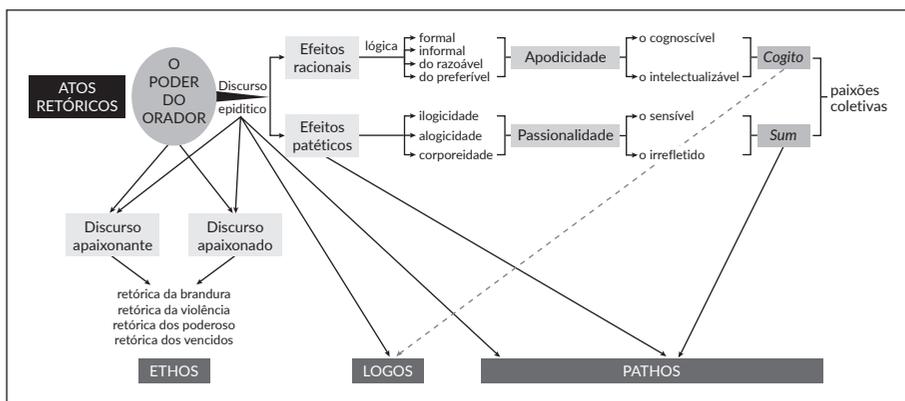
7 Termo grego que herdamos do latim: *prudencia, providere*, que pode significar prever e prover. (Nota do autor)

O impacto retórico foi imediato e fez eclodir, nas redes sociais, reações indignadas e até assustadas devido à intempestividade oratória não esperada no discurso de um Presidente da República. Naquele instante, o auditório, diante do discurso epidítico, deixou de ser mero espectador e viu-se diante de dois planos distintos e simultâneos: racionalmente, tomava consciência de uma injustiça; emocionalmente, assumia uma postura apaixonada que mesclava emoções diferenciadas e, para muitos, bastante doloridas. O discurso epidítico praticado na contemporaneidade, como procuraremos mostrar neste texto, é, sim, capaz de alvoroçar os três elementos fundantes da alma, tratados por Aristóteles (1995) em *Magna Moralia*⁸: as paixões, as faculdades e os hábitos.

Hoje, muitos oradores praticam discursos centrados no gênero epidítico: quando da morte de um artista famoso, as redes sociais e os meios de comunicação imediatamente publicam notas de pesar e manifestam a dor sentida por meio de elogios à vida e aos feitos da pessoa lembrada em discurso. As propagandas, ao valerem-se do lugar da qualidade e da quantidade, realçam a excelência de um produto qualquer e, assim, louvam, de algum modo, o valor positivo de algo para conquistar compradores. A retórica é atividade humana, as paixões são movimentos anímicos, e ambas infiltram-se diferentemente em cada um e em todos. Saliente-se, por isso, que cada ato retórico possui especificidades, e são intrincados os caminhos que conduzem à persuasão, pois sempre se envolvem em fatores contextuais, subjetivos e ideológicos, nem sempre fáceis de serem captados em linearidade. Por motivos didáticos, porém, este texto será desenvolvido a partir de um esquema, com o objetivo de dar organização ao que se pretende demonstrar: o orador possui um poder instituído e, quando atua retoricamente com o gênero epidítico, trilha, inevitavelmente, um duplo caminho que imbrica o racional e o passional. O *logos* verbaliza-se no *cogito* e o *pathos* evoca a primazia do *sum* (ser), que tem o corpo como receptáculo das paixões suscitadas e é movido qualitativamente pelos afetos.

8
A autoria da obra é controvertida. Friedrich Schleiermacher, Hans von Arnim e J. L. Ackrill consideram-na autêntica, ainda que menos madura do que *Ética a Nicômaco*, *Ética a Eudemo* e *Das virtudes e vícios*. Hans von Arnim (1859 - 1931) acreditava que seria a obra ética mais antiga de Aristóteles, anterior à *Ética a Eudemo*. Grande parte dos filólogos dos séculos XIX e XX, porém, a consideram como uma obra espúria, escrita posteriormente, por discípulos de Aristóteles (WALZER, Richard. *Magna Moralia und aristothelische*. Ethik. Berlim, 1929).

Quadro 1: Efeitos patéticos no discurso epidítico



Fonte: elaborado pelo autor

O Poder do Orador

Como afirmamos em *Inteligência retórica e vocalidade: constituição e manutenção do ethos* (FERREIRA, 2019), o orador impõe-se por força da vocalidade⁹ que, ao exteriorizar o poder inestimável do verbo, acentua o exercício da própria arte retórica, aquela que admite a racionalidade e o vibrar das emoções em nós, de forma previamente articulada, aquela que perscruta o dizer para revelar o humano ou esconder o desumano em nós. É pela vocalidade que mostramos nosso “jeito” de expressão em momentos singulares, nossa propriedade de, por meio de formas adaptativas, congregar os homens em decisões de toda ordem, nem sempre fáceis em função da complexidade do estar no mundo. Nas polêmicas ou na simplicidade do dia a dia, nossa vocalidade nos irmana e nos diferencia. É, então, um recurso humano que, associado a outros recursos (também retóricos) de demonstração de personalidade e caráter do orador (*phronesis, arete, eunoia*), atribui ao próprio orador um poder simbólico que constitui e mantém seu *ethos*. A eficácia retórica se consolida quando o orador consegue imprimir ao dizer o seu poder de influência. Por isso, praticar a retórica é, com o auxílio forte da percepção, entender, pelo intelecto, que “podemos moldar eventos nos cérebros uns dos outros com primorosa precisão” (PINKER, 2004, p. 5).

9 Vocalidade, termo evocado por Zumthor para significar a historicidade de uma voz: seu uso. Há, na vocalidade, uma ação atávica da voz, um efeito discursivo que ultrapassa o limite da palavra para a conquista de um outro espaço significativo em que todo corpo se envolve no dizer, de forma menos ou mais consciente, numa dependência direta da capacidade persuasiva do falante (ZUMTHOR, Paul. **Introdução à poesia oral**. Tradução Jerusa Pires Ferreira, Márcia Lúcia Diniz Pochat, Maria Inês de Almeida. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010).

O exemplo dado na introdução (“Não sou covreiro, tá?”) é bem revelador da força do *ethos*. Longe de tratar o assunto com a racionalidade e adequação requerida para o contexto, o orador revolveu os sentimentos do auditório e moldou valores à sua maneira. Por força do conviver, os homens estão imersos em múltiplas tonalidades do sentir: amam, odeiam, tornam-se esperançosos, desanimados, calmos ou desesperados, revelam e escondem desejos. Entre o prazer e o desprazer cotidianos, o ser humano modula a intensidade de suas paixões pelo que acredita ser justo, injusto, moral, imoral, certo, errado, belo e feio. É justamente aí que reside a força do *pathos*, entendido como a habilidade do orador de despertar o auditório para as emoções pretendidas e decorrentes de seu discurso.

A intensidade da reação provocada, como afirmamos, é proporcional ao poder que o orador imprime ao seu discurso. Assim, diante de um auditório, o orador pode provocar paixões de toda espécie por meio de sua capacidade, menos ou mais poderosa, de levar o outro a aderir, recusar, completar, modificar, calar-se, aprovar, reprovar, demonstrar interesse ou desinteressar-se por um evento do mundo que requer uma posição estética, deliberativa ou judiciária, mas nunca estática. A intensidade de qualquer uma dessas ações é sempre estabelecida pela força persuasiva que emana e é provocada pelo próprio orador.

O Gênero Epidítico

Nos estudos retóricos, a crítica moderna não contesta que, para análise dos discursos, é ainda muito válido basear-se na categorização ternária dos gêneros de Aristóteles, exposta no capítulo 3 do livro I da *Retórica*: judiciário, deliberativo e epidítico:

a) *Judiciário, Judicial ou Forense* – A pergunta fundamental é “Foi justo?”. Cabe ao orador provocar uma resposta do auditório e assegurar o exercício da justiça. Ataques e defesas são comuns no gênero judicial, pois o auditório se vê obrigado a encontrar meios de determinar o que é certo ou errado, justo ou injusto e, assim, tomar uma decisão em relação a um fato ocorrido no passado. Embora seja a prática retórica característica dos tribunais, no dia a dia muitos oradores colocam o auditório em posição de juiz e exigem que se postule um julgamento, ainda que não seja necessário determinar formalmente uma sentença.

Os gêneros eram estudados em disciplinas nas escolas de retórica no período imperial romano, por meio de simulações de situações judiciais e deliberativas (*progymnasmata*) e outros discursos ficcionais que pretendiam o entretenimento (*declamationes*). Quintiliano (III, 1, 22, 2016), por exemplo, afirma

na *Instituição Oratória*, que o discurso judiciário, devido ao espírito prático, que favorecia o orador nos embates forenses, era de grande interesse dos estudantes, ainda que fosse repleto de regras e indicações de direção discursiva.

- b) *Deliberativo ou Político*** – A pergunta fundamental é “Convém?”. Cabe ao orador levar o auditório a adotar ou rejeitar uma ideia, uma atitude e, depois de ouvido o discurso, decidir uma questão por meio de um voto real ou potencial sobre um evento que ocorrerá no futuro. Para o voto, o auditório, colocado em posição de assembleia deliberativa, precisa refletir sobre dois polos significativos: o útil e o nocivo. O bem comum é sempre o foco do gênero deliberativo que, por natureza, confronta ou afirma os valores sociais. No livro III da *Instituição Oratória*, Quintiliano ressalta a função de aconselhamento do gênero deliberativo, essencialmente voltado para as coisas públicas e, por isso, também conhecido, ao longo do tempo, como “oratória política” (QUINTILIANO, 2016).
- c) *Epidítico, Demonstrativo ou Laudatório*** – A pergunta fundamental é “É digno de louvor ou de censura?”. O orador expõe uma posição elogiosa ou depreciativa sobre algo ou alguém e requer a ponderação do auditório. Em grego, epidítico significa “o que serve para demonstrar”. Por isso, o orador promove o presente, mas demonstra, por meio de elogios ou depreciações, a qualidade das ações passadas, dos atos já ocorridos e os aviva e presentifica no discurso. Via de regra, o auditório, na posição de espectador, ouve o orador ressaltar as virtudes e os vícios, o belo e o feio (o vergonhoso) de algo ou de alguém e não se obriga a dar resposta urgente, imediata como ocorre no gênero judiciário ou no deliberativo. O epidítico sempre ressalta habilidades retóricas e, para Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996), é aquele em que o orador se torna um educador.

Aristóteles (*Retórica*, Livro I, capítulo 9, 1367b, 1998) delimita os principais “subgêneros” do epidítico: o encômio¹⁰ (*epainos* – genericamente entendido como sinônimo de elogio) e o vitupério (*psogos*). Para o estagirita, compete ao orador, na prática do gênero epidítico, manifestar a grandeza e o mérito de ações consideradas virtuosas. O encômio, por sua vez, refere-se às obras que exaltam o caráter habitual de uma pessoa. Em *Retórica a Alexandre*, Aristóteles (2012) acrescenta o grau de sinceridade do orador para estabelecer distinção entre o elogio e o encômio: o elogio é o louvor verdadeiro; o encômio não seria tão honesto.

.....
 10 Encômio: fala ou discurso enaltecendo, elogio (BECHARA, 2009, p. 197). Hino religioso de exaltação, usado na Grécia antiga. (Nota do autor)

Por isso, o primeiro deveria ser composto aos deuses e, o segundo, à virtude dos homens.

Um encômio exemplar, sempre citado pelos estudiosos, é o *Elogio a Helena*, escrito pelo ateniense Isócrates (390-80 a.C.), o mais importante autor de discursos do gênero epidítico da Grécia Clássica. Lacerda (2011), rememora que, para Isócrates, os gêneros deliberativo e judicial são aspectos do epidítico, pois todo discurso louva ou vitupera. Faz sentido: como advertia o próprio Aristóteles, nenhum discurso se deixa enquadrar rigidamente num dos três gêneros. De fato, de algum modo, todo discurso aconselha ou desaconselha, elogia ou vitupera, inocenta ou condena, já que sempre vai tratar do útil ou do nocivo, da virtude ou do vício, do belo ou do vergonhoso para, enfim, promover um julgamento, uma deliberação ou uma apreciação.

O gênero epidítico, porém, nem sempre se instalou confortavelmente nos manuais de retórica. Cícero (*De Oratore*, II, 41-44, 1961) afirma, pela voz de Antonio, que o discurso epidítico, embora útil, é menos necessário que os demais porque não busca preceitos na arte e é tranquilamente utilizado pelos oradores. Por isso, diz que não se preocuparia em criar um método para esse gênero porque quando o mais complexo (o judiciário e o deliberativo) é apreendido, o mais fácil (o epidítico) é declamado com facilidade. Ao refletir sobre a concepção de irrelevância do epidítico na república romana, Rees (2007, p. 157) destaca que Cícero se incomodava com o caráter de exibição pessoal dos gregos no uso dos panegíricos, diferentemente da forma como apresentavam discursos de caráter judiciário ou deliberativo. Na esteira dessa reflexão, Pernot (1993, p. 659), quando explica as funções do elogio, cita a caracterização de Aristóteles para o gênero epidítico: uma fala formal, ostentadora, destinada a mostrar mais o talento do orador que a pronuncia, limitado pela teoria a um papel de exibição gratuita. Ressaltamos que quem mostra as qualidades também pode mostrar as imperfeições. De qualquer modo, o gênero epidítico foi muito empregado pelos oradores gregos anteriores a Aristóteles (séc. IV a.C.), com requintes estilísticos e com furor retórico, em praça pública, para ressaltar qualidades de algo ou de alguém que parecesse digno de interesse. Esse espírito primeiro do gênero epidítico não se propunha precipuamente a convencer; antes, o ato retórico, repleto de altruísmo, objetivava levar o auditório a conhecer matérias julgadas relevantes para o bem social, justamente para que fossem refletidas e não necessariamente discutidas. Embora por muito tempo ter sido considerado neutro, o gênero epidítico – é preciso destacar – enfatiza, por meio de elogios ou censuras, com maior ou menor intensidade, o que é belo ou feio, justo ou injusto, ético ou antiético justamente para colocar em evidência os valores e os vícios humanos.

Essa ideia recorrente de que o gênero epidítico é estético, neutro e não provoca discussão ou reação efetiva por parte do auditório, diminuiu a importância

do exercício oratório laudatório nos estudos retóricos e o aproximou dos interesses da literatura, encontrado nos efeitos artísticos e passionais da tragédia e da comédia, que ressaltam a virtude e o vício humanos. O discurso epidítico, porém, como qualquer outro, discute valores e, por isso, pode provocar reações de aceitação ou de repúdio, características patéticas que o afastam da neutralidade propagada historicamente. Como o propósito da retórica é a eficácia, a prática do gênero epidítico pode estabelecer acordos (preferências, casamento de interesses, estabelecimento de fins comuns, planos ajuizadores) ou desacordos (divergências, polêmicas, indiferença).

Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996) declaram que o discurso epidítico possui um caráter pragmático e ocupa a parte central na arte de persuadir. E acrescentam: “a incompreensão manifestada em relação a ele resulta da falsa concepção dos efeitos da argumentação” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 1996, p. 54). Destacam a função pragmática de reforçar a adesão à ação que possui o espírito do gênero epidítico: “A intensidade da adesão que se tem de obter não se limita à produção de resultados puramente intelectuais, [...] mas será reforçada até que a ação, que ela deveria desencadear, tenha ocorrido” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 1996, p. 55). Ao exaltar os valores positivos ou negativos, acentuam que o orador pretende criar uma comunhão sobre os valores vigentes, sem “correr o risco de virar declamação, de tornar-se retórica, no sentido pejorativo e habitual da palavra” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 1996, p. 57).

Os valores, afinal, movem-se pateticamente no âmago das sociedades e estão sujeitos a mudanças quando o discurso instituinte sobrepõe-se ao discurso dominante. Assim, o belo, o feio, a virtude e o vício, o justo e o injusto são variáveis no tempo e no espaço. Essas nuances de mudanças são captadas pelo discurso epidítico, quer para reforçar a dominância quer para transformar os valores no inconsciente do auditório e, assim, provocar *pathos*, com argumentos de caráter objetivo ou potentemente subjetivos. Se os valores circulam no espaço e no tempo, o discurso precisa adaptar-se para reafirmar ou negar as estruturas sociais, identificadas por seus códigos de conduta.

Quando, então, se afirma que o discurso epidítico pretende “apenas” enaltecer qualidades ou defeitos por meio do elogio ou desprezo, deve-se atentar para o fato de relevar a questão tratada e à referência aos valores sociais. O sucesso ou fracasso de um discurso epidítico está no poder do orador de angariar ou não a atenção, comungar ou não interesses sobre o que há de valoroso ou vergonhoso num determinado grupo social e, para seu intento, pode exercitar um ato retórico menos ou mais eloquente, de modo menos ou mais artístico.

Como provocador de paixões, o discurso epidítico pode ser praticado em qualquer um dos três estilos conhecidos pela retórica tradicional: o simples,

o médio ou o sublime, que possui alto interesse estético e, para o autor desconhecido de *O Sublime*¹¹, quando “produzido no momento certo, faz tudo em pedaços como um raio e, num instante, mostra toda a força do orador” (LONGINO, 2015, p. 37). Quando deliberadamente exposto como arte, move o auditório muito mais pela emoção do que pela razão, mas sempre reflete um discurso apaixonante ou apaixonado. De modo mais ou menos eloquente, traduz-se em diversas formas de exercitar a persuasão, quer pela retórica da brandura, da violência, dos poderosos, dos vencidos e de muitas outras formas que sirvam para exaltar o *ethos* do orador e emocionar o auditório.

Enfim, ao exaltar os valores, o discurso epidítico movimenta as paixões que, para os gregos, são sobretudo políticas, no sentido lato do termo: “marcam a vida da cidade, ou seja, as relações que os homens livres estabelecem entre si” (MEYER, 1994, p. 11).

Efeitos Patéticos no Discurso Epidítico

A prática do discurso epidítico implica o movimentar do gosto, implica a exaltação dos valores e, evidentemente, o despertar das paixões. No senso comum, o gênero epidítico sempre alude a grandes e pomposos discursos. No dia a dia, porém, é praticado com muita frequência e infiltra-se nos discursos sociais, quer pelo *docere*, quer pelo *delectare*, quer pelo *movere*. Há, por exemplo, uma assistente virtual chamada Amazon Alexa, que cumpre funções cotidianas como ligar automaticamente o filtro de uma piscina ou dar respostas imediatas para muitas perguntas que não exijam especificidade científica. Diante de um “Bom dia, Alexa”, o robzinho com voz feminina responde imediatamente:

Bom dia. Ipanema acordou ainda mais linda e cheia de graça porque nesse dia, em 1913, nascia o poeta, músico, escritor e diplomata Vinícius de Moraes. Se quiser comemorar, peça para eu tocar Vinícius de Moraes... Eu sei que você vai amar. (voz eletrônica em Amazon Alexa)¹².

O discurso é claramente epidítico e, valendo-se de trama intertextual sobre uma famosa canção brasileira, exalta, além da beleza de Ipanema (e da garota), as qualidades de um dos mais reconhecidos poetas brasileiros. O discurso evoca o querer do auditório (“se quiser comemorar”) e faz um apelo para a

11 *Do Sublime*, obra anônima do século I, por muito tempo atribuída a Dionísio (LONGINO, 2015, p. 37)

12 Alexa Internet. Disponível em: <www.alexa.com>

celebração pelo amor. O orador pretende, evidentemente, ampliar a potência de alegria dos ouvintes (“Eu sei”) e sugere um movimento retórico ligado ao sentir para propiciar um estado confortável de ser no presente. A informação sobre as qualidades do poeta, enquanto desperta a memória e fornece referências biográficas, prepara, gradativamente, o efeito patético pretendido: intensificar os sentimentos do auditório e convidar para um agradável ouvir que, é claro, desperta primordialmente um dos cinco sentidos e, por consequência, afeta a corporeidade. Alexa é um robô, mas seu programador-orador, por certo, consciente ou inconscientemente, entendeu, com São Tomás de Aquino, que paixão é tudo que o sujeito recebe do exterior e que sobrevém e o modifica pelo sentir, pelo compreender e pela atração que algo exerce sobre ele, quer o aceite ou recuse. É Aquino (2002) quem considera paixão tudo que chamamos de afetividade, carência e desejo.

Delicadamente, Alexa, o robô, solicita uma ação não obrigatória. Oferece o prazer de ouvir uma canção a um toque de dedo: quer apaixonar. Aristóteles entende por paixões os sentimentos acompanhados de prazer (*hedone*) ou de dor (*lupe*) associados ao agir humano. Nessa perspectiva, são consideradas como uma espécie de guia interno de atuar no mundo e por isso estão em estreita relação com a moralidade, com a virtude (*arete*) ou com o vício (*kakia*) observáveis nas escolhas e ações humanas: “Por paixões entendo os apetites, a cólera, o medo, a audácia, a inveja, a alegria, a amizade, o ódio, o desejo, a emulação, a compaixão, e em geral os sentimentos que são acompanhados de prazer ou dor; [...]” (ARISTÓTELES, 2014).

Vieira, ao refletir sobre as paixões aristotélicas, as resume em duas:

As paixões do coração humano, como as divide e numera Aristóteles, são onze; mas todas elas se reduzem a duas capitais: amor e ódio. E estes dous afectos cegos são os dous pólos em que se revolve o mundo, por isso tão mal governado. Eles são os que pesam os merecimentos, eles são os que qualificam as ações; eles os que avaliam as prendas; eles os que repartem as fortunas. Eles são os que enfeitam ou descompõem, eles os que fazem ou aniquilam; eles os que pintam ou despintam os objetos, dando e tirando a seu arbítrio a cor, a figura, a medida, e ainda o mesmo ser ou substância, sem outra distinção ou juízo, que aborrecer ou amar. Se os olhos vêem com amor, o corvo é branco; se com ódio, o cisne é negro; se com amor, o Demônio é formoso; se com ódio, o anjo é feio; se com amor, o pigmeu é gigante; se com ódio, o gigante é pigmeu; se com amor, o que não é, tem ser; se com ódio, o que tem ser, e é bem que seja, não é, nem será jamais. (VIEIRA, 1959, p. 108-109).

Evidentemente, a ênfase de Vieira às duas paixões aristotélicas incide sobre a cegueira dos afetos, mas também interpõe o juízo humano sobre os seres e coisas. Ajuizar implica direcionar pelo desejo (*orexis*) e liga-se inextricavelmente às ações do homem (governar-se e governar o mundo pelas ações). Do latim *desidūm*, o desejo liga-se, primeiramente, a um movimento afetivo, impulsivo para algo que se pretende ter (“Se você quiser, peça.”, diz Alexa) e possui graus de interferência no homem: apetite (*epithymia*) e ímpeto, arrebatamento (*thymos*). Agir por impulso é deixar-se comandar pela percepção imediata do sensível. Por outro lado, atender ou não ao impulso pode ser resposta respeitosa aos caminhos sugeridos pelo pensamento racional-discursivo. A percepção do sensível pode aceitar o lógico, o alógico e até o ilógico, pois atende a um impulso irracional e só leva em conta o agradável ou desagradável a partir de estímulos externos. O pensamento articulado em discurso, porém, exige uma visão racionalizada, uma deliberação (*boulesis*) sobre o que é bom (o útil ou belo) ou mau (o nocivo ou feio) antes de satisfazer um desejo qualquer.

No exemplo dado, um orador se esconde na voz de um robô para impulsionar o desejo e rememorar uma paixão coletiva ligada ao bem querer angariado pelos feitos, em vida, de um poeta já falecido. Trata-se de um discurso elogioso que promulga a comunhão, desperta as preferências, fornece aparente liberdade de escolha. Pauta-se em um tom amigável que celebra o dinamismo das relações sadias e estabelece fins comuns e coletivos ligados à felicidade (*eudaimonia*), fim último do homem. *Pathos* é mesmo consciência sensível, e o sensível procura o prazer e, ainda que seja inevitável, foge das dores aflitivas. O discurso é movimento, é expressão da impressão interior e representação do exterior. Se movido pelo gênero epidítico, o auditório aceita as impressões passageiras sugeridas (“Ipanema acordou ainda mais linda e cheia de graça”) e deixa afluir um sentimento de prazer no estado presente, subordina-se à emoção e realiza o desejo de eficácia do discurso retórico do orador. Por isso, ao evocar plasticamente a praia e esteticamente o poeta, o auditório, envolto em movimentos patéticos, inclina-se para o bem-estar, ainda que passageiro.

Há muitos exemplos possíveis de gênero epidítico na contemporaneidade. Na retórica enternecida pelos hinos de louvor, por exemplo, o discurso epidítico louva o divino e repousa na crença o valor persuasivo. Os “louvores” evocam inúmeras paixões e ancoram-se em percursos passionais que arrebatam o ânimo e expandem o sentir. As orações prescindem de argumentos racionais para produzirem efeito patético. A retórica da brandura quebra as barreiras da razão e revolve-se na dimensão afetiva do discurso, que faz afluir a euforia de acreditar na remissão dos pecados, na vida eterna, e, assim, o fenômeno da interação entre mente e corpo, entre *cogito* e *sum* atinge o ponto

de origem do homem com a divindade: o afeto que emana do divino e o respeito que caracteriza o humano.

Nos discursos epidíticos de louvor às divindades, ocorre um fenômeno discursivo interessante: todo o auditório se transforma em orador e, congregado em uma só voz, sente-se autor de suas próprias preces, ainda que tenham sido escritas há séculos. As orações têm um impacto retórico que, por serem essencialmente patéticas, afastam o temor, a vergonha e afiançam a calma, o amor, a confiança, a compaixão pelo outro. Ao mesmo tempo, os hinos de louvor e as orações afastam os homens da raiva, do desprezo, da indignação e da inveja. O gênero epidítico, nesse caso, atribui ao auditório a missão de refletir sobre o que é justo, legal, útil, nocivo e honrável na comunidade humana. Os hinos e as orações energizam a susceptibilidade e contribuem para mudar os julgamentos mundanos e gerar novas impressões sobre o ser e o estar na Terra.

O gênero epidítico, assim considerado, atua, como afirmam Perelman e Olbrechts-Tyteca como uma disposição para a ação eficaz: aumentar a identidade da adesão e criar uma comunhão em torno de certos valores reconhecidos pelo auditório (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 1996, p. 55). A força atribuída ao louvor (gênero epidítico) valoriza a ordem universal, fiadora de valores tradicionalmente aceitos sem contestação. Nesse sentido, o auditório do gênero epidítico não é mero espectador passivo, mas atua e reage em emoção comovida, congregada, coletiva e arrebatada.

Há, porém, discursos epidíticos que disseminam a raiva, o ódio, o desprezo, a indignação, a inveja e qualquer paixão de cunho negativo que nasce no interior de questões polêmicas, frutos de uma naturalização romântica do conviver socialmente (o preconceito, por exemplo, é assim). São muitos os temas pronunciados nos discursos epidíticos que remetem o auditório a ambiguidades e contradições (sexo, política, ideologias, economia, direitos humanos, projetos comunitários não éticos em que os fins justificam os meios...). Esses discursos revelam o ponto fulcral da separação entre Lógica e Retórica. A lógica é apodítica, uma ciência de conclusões certas, que deriva de princípios considerados verdadeiros. A retórica é a “teoria das consequências”, parte de premissas para chegar a conclusões, examina os prováveis efeitos antes de propor um fim esperado (MEYER, 1994). Alguns discursos epidíticos esforçam-se por parecer lógicos, científicos, por oferecer ao auditório dados julgados objetivamente válidos e bem argumentados, pautados em juízos de realidade. Por serem retóricos, porém, conduzem o auditório para juízos de valor, para adesões ao preferível sob a perspectiva do orador. Por parecerem científicos, são coercitivos. Por serem retóricos dimensionam a decisão à participação e diminuem o poder da apreciação.

No Brasil, dizem, a retórica do ódio foi institucionalizada em um gabinete da Presidência da República. A retórica do ódio trabalha com as emoções

à flor da pele: a raiva, o desdém, o temor, o medo, o pavor, o desespero, o desprezo. A retórica do medo é disseminada com o reforço da retórica dos poderosos. Não há ternura, mas qualificações modais que vituperam o que é considerado inimigo e, em nome de uma lógica aparente, podem disseminar a ilogicidade e a alogicidade de uma opinião sob o véu de uma lógica apodítica e, evidentemente, autoritária.

O trecho a seguir não é propriamente um discurso do ódio. Pelo contrário, pretende prevenir o auditório contra o poder de alguns oradores que praticam a retórica dos inconsequentes, sempre perigosa porque, eficaz, conquista adeptos fanáticos para uma causa. O exemplo é epidítico, na medida em que deprecia, numa narrativa histórica, o valor dos envolvidos e adverte sobre discursos que evocam movimentos profundamente anímicos quando o tema é a fuga do mal ou a procura do bem. No dizer de Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996), o orador do gênero epidítico é um educador. Tome-se, por exemplo, o seguinte fragmento de Rees:

Em setembro de 1919, Adolf Hitler escreveu uma carta de imensa importância histórica. Na época, porém, ninguém lhe atribuiu essa relevância. O Adolf Hitler que havia escrito esse documento era um zé-ninguém. Aos 30 anos de idade, não tinha casa, carreira, esposa ou namorada, nem mesmo um amigo íntimo de qualquer tipo. Tudo o que podia lembrar era uma vida cheia de sonhos frustrados. Quis ser um pintor famoso, mas foi rejeitado pelo *establishment* artístico; almejou um papel na vitória alemã sobre os Aliados na Primeira Guerra Mundial, mas só conseguiu assistir à humilhante derrota das forças alemãs, em novembro de 1918. Estava amargurado, indignado e à procura de alguém em quem pôr a culpa. Nessa carta, datada de 16 de setembro de 1919 e dirigida a um colega soldado chamado Adolf Gemlich, Hitler aponta de modo inequívoco quem ele julga responsável não só por sua difícil situação pessoal, mas pelo sofrimento de toda a nação alemã. “Existe, vivendo entre nós”, escreveu Hitler, “uma raça não alemã, estrangeira, que não se dispõe e não é capaz de abrir mão de suas características [...] É que mesmo assim desfruta de todos os direitos políticos de que nós dispomos [...] Tudo o que leva os homens a se esforçarem para obter coisas mais elevadas, como a religião, o socialismo ou a democracia, é para ele apenas um meio para um fim, para satisfazer sua cobiça por dinheiro e poder. Suas atividades produzem uma tuberculose racial entre as nações”. (REES, 2018, p. 11).

As consequências do discurso do ódio apregoado por Hitler são demasiadamente conhecidas no plano histórico. Embora ilógica, pareceu perfeitamente lógica para muitos alemães, contaminados por um potente desprezo introjetado

pelo discurso e, como veremos no exemplo a seguir, ainda possui repercussão em várias partes do mundo. Para Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996), o discurso epidítico possui um cunho propagandístico. Os panegíricos e encômios da Antiguidade perderam a pompa altissonante, mas conservam um ar noticioso e propagandístico, bem menos solene, mas intensamente persuasivo. A notícia a seguir, sobre o poder do discurso epidítico, demonstra esse espírito difusor de ideias e de louvor a atitudes de um homem e ressalta, um século depois, os efeitos da propaganda epidítica no judiciário, na Internet e nas ruas da cidade:

JUIZ LIBERA O USO DE PROPAGANDA NAZISTA EM SANTA CATARINA – Na cidade de Itajaí, dois neonazistas foram absolvidos por espalhar suásticas e cartazes de Hitler pelas ruas. O juiz Augusto Cesar Aguiar, da 1ª Vara Criminal de Itajaí, SC, proferiu uma sentença nesta terça-feira (8) absolvendo os neonazistas Fabiano Schmitz e Kaleb Frutuoso, que produziram cartazes comemorando o aniversário do ditador Adolf Hitler, além de ostentar fotos com suásticas nas redes sociais. Os cartazes continham mensagens como “Heróis não morrem. Parabéns Führer”, e ambos foram denunciados pelo Ministério Público de Santa Catarina por crime de preconceito racial por associação ao Nazismo. Entretanto, o juiz Aguiar não considerou tais atos uma incitação ao regime que imperou na Alemanha. “Considerando as provas dos autos e o contexto do fato, tenho que os réus ao colarem cartazes, manterem estes e publicarem fotos da cruz suástica/gamada e do ditador Hitler em seus perfis pessoais no Facebook, não o fizeram com o dolo específico de divulgar/incitar o nazismo”, escreveu o juiz em sua decisão. Os cartazes espalhados pela cidade eram assinados pela White Front (Frente Branca), entidade que, de acordo com o Ministério Público, atua de forma extremista. Entre os indícios, estava uma tatuagem da Division Wiking (divisão militar criada pela Alemanha Nazista) ostentada por um dos réus. No entanto, a prova não era válida pois o desenho “não é da cruz suástica”, afirmou o juiz.¹³

Como nas questões humanas, afirma Meyer, o curso das coisas é incerto e problemático, “o caráter incerto dos efeitos não pode deixar de se repercutir nas causas, tornando problemáticas as decisões a tomar” (MEYER, 1994, p.112-113). É bastante conhecida a eficácia e o poder propagandístico para

13 Josena Pereira. Publicado em 10/10/2019. Disponível em: <<https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/historia-hoje/juiz-libera-o-uso-de-propaganda-nazista-em-santa-catarina.phtml>>. Acesso em 24 de outubro de 2020.

difusão das ideias nazistas. Joseph Goebbels, Ministro da Propaganda de Hitler, valia-se do cinema para, num competente ato retórico epidítico e multimodal, difundir a ideologia nazista e o antissemitismo, ao exaltar o heroísmo alemão e suas ações durante a Primeira Guerra Mundial e contra a União Soviética e depreciar os judeus, mostrados como fonte principal dos problemas sociais e econômicos alemães. Assim como se valiam do cinema, Goebbels e seu ministério utilizavam os jornais como meio propagandístico e, dessa maneira, criaram uma verdadeira máquina retórica a serviço do Estado, que persuadiu boa parte da sociedade alemã da época (FERRO, 1995).

É... a lógica dos princípios ignora a prudência. Por isso, a paixão funciona como argumento retórico que atua nas diferenças. O discurso do ódio, ilógico, alógico, intenta racionalizar a superioridade que um orador pretende ter sobre o outro. As paixões conduzem e mobilizam os homens que, em seu nome, não deixam de se confrontar (MEYER, 1994, p. 217). O discurso epidítico, visto sob essa perspectiva, realça o confronto e, por isso, não é neutro em qualquer sentido. Os efeitos do discurso do ódio atingem sempre um auditório universal e, por perversidade ou cobiça, criam uma nova e aparente lógica emocional, ainda que irracional e profundamente ilógica. De qualquer modo, insemnam na alma do auditório paixões coletivas arraigadamente persuasivas.

Considerações Finais

A prática do gênero epidítico na contemporaneidade ainda mantém, em muitos momentos, o espírito solene que envolvia os panegíricos. É com roupas bem mais simples, porém, que se mostra no dia a dia. Os blogs da Internet fazem abundar lembretes sobre os vícios e as virtudes humanas. Há muita gente experimentada em depreciar o outro por motivos bem escusos. Há muitos cantos de louvor a pessoas e coisas na Igreja eletrônica e nas estações de rádio do mundo. Há a propaganda avassaladora que a todos arrasta pela força do *pathos*. Há a educação, séria ou panfletária, que nos impele para a aceitação dos inúmeros “ismos” criados por ideólogos.

O orador do gênero epidítico, então, por meio de um discurso apaixonante e apaixonado, divulga o lógico, o ilógico, o alógico diluído em retóricas muito bem conformadas aos seus desejos. Na aparente inocuidade do discurso epidítico, pensamos sobre a natureza do humano e sentimos a dor e o prazer de ser e de estar no mundo. *Cogito ergo sum?* Talvez, mas, com certeza: Sinto, logo me humanizo, aprecio e menosprezo, epiditicamente, o que me impressiona de qualquer forma.

REFERÊNCIAS

- AQUINO, Tomás de. **Suma teológica**. Volume II. São Paulo: Loyola, 2002. 920 p.
- ARISTÓTELES. **Les grands livres d'éthique (magna moralia)**. Évreux: Arléa, 1995.
- ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. Tradução, textos adicionais e notas de Edson Bini. São Paulo: Edipro, 2014.
- ARISTÓTELES. **Retórica**. Tradução e notas de Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1998.
- ARISTÓTELES. **Retórica a Alexandre**. Tradução Edson Bini. São Paulo: Edipro, 2012.
- BECHARA, Evanildo. **Minidicionário da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2009.
- CÍCERO, Marcus Tullius. **De oratore libri tres**. Introduction and notes by Augustus Samuel Wilkins. Oxford: Oxford University Press, 1961.
- FERREIRA, Luiz Antonio. Inteligência retórica e vocalidade: constituição e manutenção do *ethos*. In: FERREIRA, Luiz Antonio (org.). **Inteligência retórica: ethos**. São Paulo: Blucher, 2019. p. 9-28.
- FERRO, Marc. **História da Segunda Guerra Mundial**. São Paulo: Ática, 1995.
- LACERDA, Ticiano Curvelo Estrela de. **Contra os sofistas e elogio de Helena de Isócrates**: tradução, notas e estudo introdutório. Dissertação (Mestrado em Letras Clássicas) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.
- LONGINO, Dionísio. **Do sublime**. Tradução do grego por Marta Isabel de Oliveira Várzea. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2015.
- MEYER, Michel. **O filósofo e as paixões**: esboço de uma história da natureza humana. Porto: Asa, 1994.
- QUINTILIANO, Marcos Fábio. **Instituição oratória**, tomo III. Tradução Bruno Fregni Bassetto. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2016.
- PERELMAN, Chaïm; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. **Tratado da argumentação: a nova retórica**. Tradução Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- PINKER, Steven. **O instinto da linguagem**: como a mente cria a linguagem. Tradução Cláudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

PERNOT, Laurent. **La rhétorique de l'éloge dans le monde greco-romain**. Paris: Institut d'Études Augustiennes, 1993.

REES, Laurence. **O Holocausto**: uma nova história. Tradução Luis Reyes Gil. Rio de Janeiro: Vestígio, 2018, p. 11-20.

REES, Roger. Panegyric. *In*: DOMINIK, William; HALL, Jhon (orgs.). **A companion roman rhetoric**. Malden: Blackwell, 2007. p. 154-166.

VIEIRA, Antônio. **Sermões**. t. 4. Porto: Lello e Irmão, 1959.

ZUMTHOR, Paul. **Introdução à poesia oral**. Tradução Jerusa Pires Ferreira, Márcia Lúcia Diniz Pochat, Maria Inês de Almeida. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.